



### Réplica - Luis David Castiel

A intenção e o sentido que caracterizam o comportamento e a linguagem dos homens estão indissolavelmente ligados entre si.

Henri Atlan

#### O bebê e a água do banho

Primeiramente, cabe destacar a competência dos comentaristas que acrescentaram novas dimensões à discussão e enriqueceram visivelmente a proposta da seção. Também, a forma atenciosa e elegante com que os colegas abordaram nosso texto.

Interessante assinalar o fato de vários tópicos apontados por determinados debatedores servirem como réplicas a questões apresentadas pelos outros. Nossa tendência é nos alinharmos com Barradas-Barata e Facchini. A primeira mostra implicações críticas pertinentes: do termo 'evidência', dos excessos do racionalismo instrumental e da idéia de 'rigor metodológico' e de seus efeitos indesejáveis na prática assistencial e pedagógica (obs.: é, de fato, a acepção kuhniiana de paradigma que autores da Medicina baseada em evidências (MBE) estão considerando - ver capítulo 1 - "O que é MBE?" de Drummond, JP (Drummond & Silva, 1998). Já Facchini traz consistentes aportes sobre descompassos entre a racionalidade biomédica, seus avanços tecnobiocientíficos e as crises da formação médica e dos modelos de cuidados em saúde coletiva. Neste enfoque, aponta limitações de propostas como a MBE e ressalta itens cruciais para possíveis superações de tais crises.

Concordamos com argumentos relativos a inegáveis aspectos da eficácia instrumental da MBE na prática clínica, apesar da aparente interpretação realista da ciência subjacente ao texto de Attalah e mais vigorosamente ainda em D'Almeida. Tentamos frisar esta questão no artigo original e voltamos a reiterá-la. Seria absurdo não considerar as vantagens de uma assistência à saúde aperfeiçoada pela pesquisa médica - que também poderia ser mais um outro nome para a MBE (Haynes et al, 2002).

Agora, vale enfatizar que nomes são muito importantes ao se constituírem em *atos de fala*, como desenvolveu Austin (1975) em sua clássica distinção entre: ato locucionário - que apresenta algum sentido no enunciado; ato ilocucionário - que porta intenção em sua enunciação; ato perlocucionário - que produz efeitos, desejados ou não.

Por que a designação escolhida pelo movimento MBE foi justamente aquela que inclui 'evidência' - no sentido usual anglo-saxônico do vocábulo - prova de indicação de verdade (inclusive jurídica)? Difícil saber sem indagar aos que propuseram tal termo. Mas, é fascinante a vinculação entre termos (e procedimentos) comuns jurídicos e científicos - *investigação, prova, contraprova, lei, protocolos, demonstrar, fundamentar* etc (para uma hipótese acerca desta conexão ver Samaja, 1993). Em ambos, lida-se com duas etapas: a) coleta de informações/dados; b) estabelecimento de juízos diante dos resultados para chegar a decisões/vereditos ('ditos verdadeiros').

Esta é uma excelente oportunidade para explorar a relevante questão de vivermos numa era hipercomunicacional em que designações, marcas, slogans participam ativamente da criação e sustentação do interesse para aquilo que se pretende difundir (e eventualmente gerar consumo). Isto vale, *mutatis mutandis*, também para o âmbito científico.

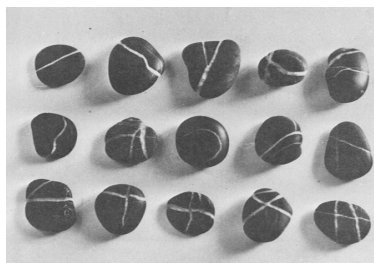
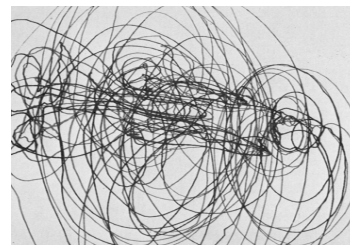
Latour (1998) enfatiza o estarecedor desenvolvimento científico no século passado e como o entendimento deste avanço mudou drasticamente. Para ele, teria havido uma transição da cultura da 'ciência' para a cultura da 'pesquisa'. Esquematicamente, a idéia era de que a Ciência seria uma forma (iluminista) de permitir que indivíduos, treinados em técnicas de estudo e experimentação, pudessem evitar fontes de desvio oriundas das ideologias, paixões, emoções (âmbito da subjetividade) para aproximarem-se de modo 'objetivo' das verdades, com o propósito de fazer avançar o conhecimento sobre o mundo, resolver problemas e minimizar as fragilidades humanas.

A pesquisa seria algo produtor de controvérsias, envolvendo riscos, realizada por indivíduos treinados, mas que também se preocupam com suas carreiras, com a visibilidade/divulgação dos resultados de seus estudos. Ademais, lidam com intrincadas relações com fontes de financiamento e com influências de poderosas empresas produtoras de tecnologias. Em suma, a pesquisa mostra que Ciência e

Sociedade não podem ser separadas. A atividade científica atual não mais se institui em uma sociedade caótica para organizar, trazer a ordem e até dirimir controvérsias. Eventualmente, ela própria pode introduzir mais ruído a este contexto.

Um exemplo: as conclusões de pesquisadores acerca de ensaios clínicos randomizados (ECRs) foram significativamente mais favoráveis na direção da intervenção experimental quando as pesquisas foram financiadas somente por organizações com fins lucrativos. Neste estudo de ensaios clínicos publicados no BMJ no período de janeiro de 1997 a junho de 2001, as conclusões dos autores foram avaliadas em uma escala e comparadas com interesses competidores de ordem financeira, pessoal, acadêmica ou política. Tal associação ocorreria porque as referidas organizações, de modo hábil ou fortuito, financiariam somente aqueles ensaios nos quais a intervenção é melhor que o controle. Ainda assim, pode haver viés de publicação. A associação entre interesses financeiros competidores e as conclusões dos autores não foi explicada por qualidade metodológica, poder estatístico, tipo de intervenção experimental (farmacológica ou não), tipo de controle da intervenção (placebo ou droga ativa) ou especialidade médica (Kjaergard & Als-Nielsen, 2002). Estes achados afetam a solidez objetivante dos estudos que buscam evidências para reduzir incertezas em respectivos casos que requeiram decisões de tipo 'intervenção ou não'? Adeptos da MBE terão de saber as fontes de financiamento de ECRs e se isto produz efeitos nas conclusões? Como ponderar estes aspectos nas meta-análises?

Nós, profissionais de saúde, diante de propostas inovadoras, entre as quais a MBE atua como emblema, não podemos descurar do fato de que nas relações ciência/sociedade proliferam situações do tipo 'bebê e água do banho'. Pior: às vezes, nem um, nem outro são claramente discerníveis. Enfim, por mais que boas intenções inspirem nossa atuação, diz-se, popularmente, que 'existe' um lugar desconfortável repleto delas.



### Referências

- AUSTIN, J.L. **How to do things with words?** Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- DRUMMOND, J.P.; SILVA, E. **Medicina baseada em evidências.** Novo paradigma assistencial e pedagógico. Rio de Janeiro: Atheneu, 1998.
- HAYNES, R.B.; DEVEREAUX, P.J.; GUYATT, G.H. Physicians' and patients' choices in evidence based practice. **BMJ.**, n.324, p.1350, 2002.
- KJAERGARD, L. L.; ALS-NIELSEN, B. Association between competing interests and authors' conclusions: epidemiological study of randomized controlled trials published in the BMJ. **BMJ.**, n.325, p.249, 2002.
- LATOUR, B. From the world of science to the world of research? **Science**, v.280, n.5361, p.208-9, 1998.
- SAMAJA, J. **Epistemología y metodología.** Elementos para una teoría de la investigación científica. Buenos Ayres: Eudeba, 1993.